O ENCANTAMENTO ENTRE FRONTEIRAS DA TERCEIRA MARGEM: LITERATURA, PSICANÁLISE E HERMENÊUTICA NA ABERTURA DOS SENTIDOS EM JOÃO GUIMARÃES ROSA

BARREIRO, Meire Terezinha
Faculdade Santa Lúcia – FSL
barreiro.mt@gmail.com

SOMME, Maria Isabel
Faculdade Santa Lúcia – FSL
misabel.somme@gmail.com

SILVA, Fabiano Correa da
Faculdade Santa
fabianocosilva@gmail.com

RESUMO

O presente artigo investiga o conto A Terceira Margem do Rio, de João Guimarães Rosa, a partir do diálogo entre literatura e psicanálise, propondo uma leitura que compreende a linguagem rosiana como produtora de uma experiência de encantamento e de abertura dos sentidos. Parte-se da hipótese de que a força estética da narrativa reside na recusa de uma significação unívoca, fazendo da terceira margem não um lugar físico ou uma categoria psicológica, mas um espaço em que coexistem presença e ausência, desejo e recusa, luto e melancolia, identidade e alteridade. Em vez de utilizar a psicanálise como instrumento de diagnóstico das personagens, o artigo propõe uma interlocução hermenêutica entre a obra literária e conceitos desenvolvidos por Sigmund Freud e Jacques Lacan, preservando a autonomia estética do texto rosiano. A análise evidencia que o conto permanece aberto a múltiplas interpretações porque sua linguagem produz um efeito de encantamento que desestabiliza leituras conclusivas e convoca o leitor a uma experiência contínua de elaboração de

Recebido em 02-09-2026 • Aceito em 14-10-2026

sentido. Conclui-se, portanto, que a terceira margem integra um espaço narrativo e uma metáfora da própria condição humana, caracterizada pela incompletude, pela falta e pelo permanente processo de construção da subjetividade.

PALAVRAS-CHAVE: *Guimarães Rosa, Encantamento, Literatura, Psicanálise.*

INTRODUÇÃO

A obra de João Guimarães Rosa ocupa um lugar singular na literatura brasileira por desafiar os limites da linguagem e da interpretação. Sua escrita, marcada pela invenção lexical, pela densidade metafórica e pela profunda elaboração da experiência humana, resiste a leituras unívocas e convida o leitor a uma permanente reconstrução do sentido. Nesse universo literário, A Terceira Margem do Rio, publicado em Primeiras Estórias (1962), compõe uma das narrativas mais emblemáticas da literatura brasileira contemporânea, porque organiza sua força estética em torno do enigma, do silêncio e da indeterminação (grifos nossos).

Desde sua publicação, o conto tem suscitado interpretações provenientes de diferentes campos do conhecimento. A crítica literária tem destacado, entre outros aspectos, sua dimensão metafísica, existencial, filosófica e simbólica, bem como a singular construção narrativa que transforma o rio, a canoa e a figura paterna em imagens de extraordinária potência poética. Ao mesmo tempo, a psicanálise encontrou na narrativa um campo fértil para refletir sobre temas como desejo, ausência, identificação, luto, melancolia, subjetivação e função paterna. Essa diversidade interpretativa evidencia a capacidade da escrita rosiana de produzir sentidos que jamais se esgotam em uma única explicação.

Entre os estudiosos da obra rosiana, Antonio Candido (2006) ocupa posição de destaque ao demonstrar que a originalidade de João Guimarães Rosa reside na capacidade de transformar a experiência regional em expressão da condição humana universal. Para o crítico, o sertão é uma categoria simbólica na qual se projetam os grandes conflitos da existência humana. Dessa forma, a narrativa rosiana ultrapassa o regionalismo descritivo e alcança uma dimensão universal, fazendo da linguagem o lugar privilegiado de reflexão sobre a vida, o tempo, a morte, a alteridade e o mistério da existência. Essa perspectiva crítica agrega um importante ponto de partida para a presente

Recebido em 02-09-2026 • Aceito em 14-10-2026

investigação, mas também revela uma questão que se mantém em aberto: de que modo a linguagem rosiana produz essa universalidade sem fixar os sentidos que emergem de suas narrativas?

Entretanto, parte significativa dessas leituras tende a privilegiar a interpretação dos personagens ou a explicar a narrativa por meio de categorias antes definidas. Em muitos casos, o pai é compreendido como uma possível representação da loucura, da melancolia, do exílio ou da ruptura com a ordem social, enquanto o filho aparece como sujeito aprisionado pela culpa, pela falta ou pela impossibilidade de elaboração da perda. Embora tais interpretações ofereçam importantes contribuições para a compreensão da obra, elas deslocam a atenção daquilo que parece formar a própria singularidade da escrita de Guimarães Rosa: sua capacidade de produzir um espaço de permanente abertura interpretativa.

Nesse ponto insere-se a proposta deste artigo. Em vez de buscar determinar na narrativa quem ocupa, enquanto sujeito, a terceira margem, ou de enquadrar o conto à exemplificação de conceitos psicanalíticos, propõe-se investigar de que maneira a linguagem rosiana constrói uma experiência de encantamento que impede o fechamento definitivo dos sentidos. Parte-se da hipótese de que a força estética desse conto reside na recusa de uma significação unívoca. A terceira margem deixa de ser um lugar físico que descreve a geografia do rio ou uma categoria psicológica, para tornar-se um espaço simbólico produzido pela própria linguagem, no qual coexistem presença e ausência, desejo e recusa, luto e melancolia, identidade e alteridade, sem que tais tensões encontrem resolução definitiva.

Nesse contexto, o conceito de encantamento adquire importância decisiva para a presente investigação. Mais do que um efeito emocional provocado pela leitura, é compreendido como uma categoria estética capaz de explicar a forma pela qual a linguagem literária mantém vivo o processo interpretativo. O encantamento suspende a estabilização do significado e preserva o texto em permanente estado de abertura. Sob essa perspectiva, a literatura cria condições para que o leitor habite o espaço da pergunta, da dúvida e da elaboração contínua do sentido. A aproximação entre literatura e psicanálise realiza-se, logo, em uma perspectiva hermenêutica, e não instrumental. A palavra "hermenêutica" deriva do grego antigo, carrega em sua raiz o nome do deus grego Hermes e refere-se à arte ou à ciência da interpretação.

O filósofo Martin Heidegger (1889–1976), em sua obra *Ser e Tempo*, publicada em 1927, ampliou o alcance da hermenêutica ao inseri-la no campo existencial, voltando-a para a interpretação da própria existência e da

Recebido em 02-09-2026 • Aceito em 14-10-2026

questão do ser. Por sua vez, o filósofo Hans-Georg Gadamer (1900–2002), discípulo de Heidegger, desenvolveu a hermenêutica filosófica, sistematizando a compreensão de que todo processo interpretativo pressupõe um diálogo contínuo entre o leitor e o texto. Nessa perspectiva, analisamos o conceito de encantamento presente no conto de Guimarães Rosa.

Isso significa que os conceitos psicanalíticos mobilizados ao longo da análise não serão utilizados como instrumentos de diagnóstico dos personagens nem como explicações exteriores ao texto literário. Ao contrário, o diálogo com Sigmund Freud e Jacques Lacan buscará ampliar a compreensão das questões suscitadas pela própria narrativa, preservando a autonomia estética da obra e reconhecendo que, em muitos momentos, a literatura ultrapassa os limites de qualquer sistema teórico fechado.

Esta pesquisa fundamenta-se na análise interpretativa do conto, articulada ao diálogo com a crítica literária especializada sobre João Guimarães Rosa e com conceitos fundamentais da psicanálise. Trata-se de compreender como ambos os campos convergem na investigação de questões constitutivas da experiência humana, como a falta, o desejo, a memória, a perda, a identidade e o silêncio.

Defende-se, por fim, que a grandeza de A Terceira Margem do Rio reside em sua capacidade de perdurar inesgotável. A escrita rosiana produz uma experiência estética que impede o encerramento da interpretação, fazendo da terceira margem uma metáfora da própria condição humana. Nesse horizonte, literatura e psicanálise se encontram para reconhecer que o enigma dessa obra fundamenta seu efeito estético.

2. JOÃO GUIMARÃES ROSA E A POÉTICA DO ENCANTAMENTO

A singularidade da obra de João Guimarães Rosa ultrapassa os limites do regionalismo brasileiro e inscreve-se entre as experiências literárias mais inovadoras do século XX. Sua escrita desafia classificações simplificadoras ao articular tradição oral, experimentação linguística, reflexão filosófica e investigação da condição humana. Em sua obra, a linguagem deixa de ser mero instrumento de representação do mundo para tornar-se espaço de criação, revelação e abertura de novos sentidos.

Essa concepção pode ser compreendida a partir daquilo que se propõe denominar, neste trabalho, poética do encantamento. O termo encontra inspiração na célebre afirmação de Guimarães Rosa em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, em 1967: “As pessoas não morrem,

Recebido em 02-09-2026 • Aceito em 14-10-2026

ficam encantadas". Essa afirmação sintetiza uma visão de mundo na qual a linguagem tem a capacidade de preservar a existência por meio da memória, da imaginação e da experiência estética. O encantamento significa reconhecer que aquilo que desaparece continua produzindo efeitos na vida humana por meio da palavra.

Nessa perspectiva, a literatura configura um lugar privilegiado de permanência. A leitura torna presente aquilo que já não pertence ao tempo cronológico, reativando afetos, experiências e memórias que ficam inscritos na subjetividade. Cada retorno ao texto produz uma nova experiência interpretativa, fazendo com que a obra permaneça sempre aberta à descoberta de novos sentidos. O encantamento decorre da capacidade que a literatura tem de manter vivo aquilo que parecia perdido.

Essa compreensão aproxima-se da própria concepção rosiana de linguagem. Em Guimarães Rosa, as palavras instauram novas possibilidades de percepção da realidade. O escritor rompe com os limites do vocabulário convencional mediante a criação de neologismos, deslocamentos sintáticos, sonoridades inesperadas e aproximações entre registros populares, eruditos e regionais. Tal procedimento amplia as possibilidades expressivas da língua portuguesa, tornando-a capaz de dizer aquilo que a linguagem cotidiana não alcança.

Essa dimensão da linguagem foi destacada por Benedito Nunes, para quem a escrita de João Guimarães Rosa ultrapassa a inovação estilística e se modela também como experiência de pensamento. Em sua leitura da obra rosiana, Nunes evidencia a relação entre linguagem literária e reflexão filosófica, destacando o poder criativo e especulativo da palavra de Rosa. A linguagem, nesse sentido, participa de sua recriação, mantendo abertas questões fundamentais da existência. (Nunes, 2013). Essa perspectiva converge para a hipótese defendida neste artigo: o encantamento da escrita rosiana nasce da abertura dos sentidos, preservando o leitor diante do enigma em vez de conduzi-lo à sua resolução.

A invenção linguística, por conseguinte, corresponde a uma investigação sobre os próprios limites da experiência humana. Ao criar palavras ou reorganizar sentidos já existentes, Guimarães Rosa convida o leitor a abandonar automatismos interpretativos e a experimentar a linguagem como acontecimento. Ler sua obra significa aceitar o estranhamento inicial para, depois, descobrir novas formas de compreender o mundo. Como observam seus leitores, a dificuldade da leitura transforma-se, pouco a pouco, em experiência de encantamento.

Esse procedimento explica também por que a crítica costuma definir

Recebido em 02-09-2026 • Aceito em 14-10-2026

sua obra como expressão de um regionalismo universal. Embora enraizada no sertão mineiro, sua literatura jamais se conserva restrita ao espaço que representa. O sertão rosiano converte-se em metáfora da própria existência humana. Os conflitos vividos por seus personagens – o amor, a perda, o medo, a culpa, o desejo, a morte, a fé, a solidão e a esperança – pertencem à experiência universal, a despeito do tempo ou da cultura em que se manifestem.

O regionalismo de Guimarães Rosa consiste, portanto, na elaboração literária de questões fundamentais da condição humana. O sertão transforma-se em categoria existencial, espaço onde o homem se confronta consigo mesmo, com o outro e com o mistério da existência. Essa capacidade de partir do particular para alcançar o universal confere à sua obra dimensão atemporal e permanente atualidade.

Nesse processo, a metáfora assume função central. Como observa Paul Ricoeur (2000) em A Metáfora Viva, ela representa um modo de produzir conhecimento, capaz de inaugurar novas possibilidades de compreensão do real (grifos nossos). Em Guimarães Rosa, essa potência criadora manifesta-se de forma exemplar: as imagens literárias operam como estruturas abertas que multiplicam possibilidades de leitura, tornando-se um modo de pensamento, permitindo que diferentes sentidos coexistam sem que um elimine o outro.

Nesse horizonte, compreende-se a força estética do conto. A existência da terceira margem é simbólica e depende da linguagem para ser concebida. A materialidade do rio se restringe a duas margens, e a invenção literária abre caminho para pensar um espaço que escapa à lógica da realidade física. A linguagem cria aquilo que o mundo empírico desconhece, inaugurando um lugar de suspensão das certezas e de permanente abertura interpretativa.

Desse modo, o encantamento produzido pela escrita rosiana nasce da capacidade de transformar a própria leitura em experiência hermenêutica. Cada palavra, cada silêncio e cada metáfora recusam o fechamento definitivo do sentido, convocando o leitor a participar da construção da obra. A literatura tornar-se espaço de perguntas permanentes.

Nessa abertura, reside a potência da escrita de João Guimarães Rosa, que mantém o leitor em constante movimento interpretativo, fazendo da linguagem um lugar onde o enigma está vivo. O encantamento, a partir daí, revela a própria experiência de perdurar diante do mistério sem a necessidade de eliminá-lo. Essa dimensão permitirá compreender por que a terceira margem pode ser interpretada como um espaço simbólico de produção de sentidos, no qual literatura e psicanálise estabelecem um diálogo fecundo sem que uma reduza a outra.

Recebido em 02-09-2026 • Aceito em 14-10-2026

3. A TERCEIRA MARGEM COMO ESPAÇO SIMBÓLICO

A densidade estética de A Terceira Margem do Rio reside na construção de uma narrativa que desloca o leitor das referências cotidianas da realidade para um espaço de indeterminação simbólica.

Desde o título, João Guimarães Rosa anuncia um paradoxo: as margens do rio; falar de uma terceira margem significa introduzir uma impossibilidade física que apenas a linguagem literária pode tornar pensável. A narrativa inaugura, assim, um espaço que pertence à experiência simbólica do sujeito.

A terceira margem deve ser compreendida como uma condição existencial construída pela própria linguagem. Ao longo do conto, o rio, a canoa, o silêncio do pai e a voz do narrador deixam de exercer funções descritivas para constituírem imagens abertas à interpretação. Essa abertura sustenta o encantamento produzido pela escrita rosiana.

Nessa perspectiva, Walnice Nogueira Galvão (1986) observa que o universo ficcional de João Guimarães Rosa desloca o espaço narrativo do plano geográfico para uma dimensão simbólica. O sertão, os caminhos, os rios e as travessias convertem-se em experiências existenciais, nas quais o sujeito se confronta com os grandes dilemas da vida, da identidade e do mistério. Essa compreensão permite estender tal leitura à terceira margem que configura um espaço simbólico onde se condensam a ausência, o desejo, a espera e a busca de sentido, sem que qualquer dessas dimensões se imponha como interpretação definitiva.

3.1 O rio: metáfora do indeterminado

Entre as imagens que estruturam a narrativa, o rio ocupa posição central. Como é de hábito associado ao fluxo da vida, ao tempo, à travessia e à transformação, em Guimarães Rosa ele adquire uma dimensão ainda mais ampla. O rio representa um espaço de movimento contínuo, onde nada permanece fixado.

Nessa perspectiva, a reflexão de Paul Ricoeur (2000) sobre a metáfora oferece um importante horizonte de compreensão. O filósofo afirma que ela consiste em um procedimento criador de sentido, capaz de inaugurar novas formas de compreender a realidade. A linguagem metafórica redescreve o mundo, fazendo surgir significados que ultrapassam a experiência imediata. Assim, amplia o horizonte interpretativo do leitor ao abrir possibilidades de compreensão que não existiriam na linguagem literal.

Recebido em 02-09-2026 • Aceito em 14-10-2026

Nesse sentido, o rio, nesse conto, ultrapassa sua condição de elemento da paisagem para tornar-se uma metáfora da própria experiência humana. Seu curso incessante, sua profundidade insondável e sua recusa de qualquer estabilidade o convertem em imagem privilegiada da existência, da passagem do tempo e da dimensão inconsciente do sujeito. O rio representa um espaço simbólico em que se entrelaçam presença e ausência, permanência e transformação, vida e morte, permitindo que diferentes interpretações coexistam sem se anularem.

Ao contrário da margem, que simboliza estabilidade, pertencimento e permanência, o rio apresenta-se como território da fluidez, da incerteza e da impossibilidade de controle. Seu curso conduz tudo aquilo que nele ingressa para uma experiência permanente de deslocamento.

Sob essa ótica, o pai abandona o espaço das certezas e escolhe habitar um território que escapa às categorias ordinárias da existência. Sua permanência no rio rompe a lógica binária que organiza a experiência cotidiana: não está morto, não participa da vida; não desaparece, não retorna; é presente e ausente ao mesmo tempo.

A terceira margem nasce dessa suspensão das oposições tradicionais. Ela revela-se uma dimensão simbólica em que categorias incompatíveis coexistem sem encontrar síntese definitiva.

3.2 A canoa: lugar da suspensão

A escolha da canoa tem importância decisiva na construção do conto. Diferente de uma embarcação destinada à travessia, ela nunca cumpre sua finalidade prática. Não transporta pessoas entre uma margem e outra. Não chega a lugar algum. Sua função deixa de ser deslocar para tornar-se permanência.

Converte-se, assim, em um espaço paradoxal. Flutua, sempre no mesmo lugar simbólico. Nela, o pai interrompe o curso habitual da existência sem romper por completo com o mundo. Continua visível aos olhos da família, e inacessível ao convívio humano.

Essa condição intermediária faz da canoa uma imagem privilegiada da própria terceira margem. Ela é um espaço de suspensão, onde o tempo cotidiano parece deixar de operar segundo suas regras habituais.

A narrativa nunca explica as razões da escolha do pai. A ausência de explicação impede a redução do episódio a uma causalidade psicológica, moral ou social. A canoa inaugura um enigma permanente aberto durante toda a narrativa.

Recebido em 02-09-2026 • Aceito em 14-10-2026

3.3 O silêncio do pai

Entre todos os elementos do conto, o silêncio do pai é aquele que mais produz o efeito de indeterminação: o pai não justifica sua decisão, não oferece explicações, não responde às tentativas de aproximação nem elabora qualquer discurso sobre si mesmo. Seu silêncio impede que o leitor transforme sua atitude em objeto de conhecimento definitivo.

Enquanto os demais personagens procuram interpretar sua escolha – loucura, castigo, santidade, vergonha, sofrimento –, o pai conserva-se opaco. Nenhuma dessas interpretações recebe confirmação da narrativa.

Esse silêncio traduz uma estratégia estética de grande potência. Em vez de eliminar o enigma, Guimarães Rosa faz dele o próprio centro da narrativa. O pai torna-se uma presença cuja significação fica sempre adiada. A recusa de uma explicação definitiva mantém o conto aberto ao trabalho interpretativo do leitor.

3.4 O narrador: a voz de quem procura

O pai ocupa o centro do silêncio, o filho ocupa o centro da palavra.

Toda a narrativa é construída por aquele que passou a vida tentando compreender um gesto que jamais conseguiu explicar. O narrador relata sua própria busca por um sentido que lhe escapa.

Essa característica distingue o conto. O verdadeiro objeto da narrativa talvez não seja a decisão do pai, mas o percurso subjetivo do filho diante dessa ausência.

Ao longo dos anos, o narrador continua levando alimento ao pai, observa sua permanência no rio, acompanha o envelhecimento da família e preserva um vínculo que jamais encontra resolução. Sua memória organiza toda a narrativa, fazendo do conto uma tentativa de elaboração de uma experiência inconclusa.

A linguagem do narrador produz perguntas. Cada recordação amplia o enigma em vez de resolvê-lo. O leitor passa a compartilhar dessa busca incessante, tornando-se também participante da experiência interpretativa.

3.5 A construção da ausência

Um dos aspectos mais originais da narrativa consiste na forma pela qual Guimarães Rosa constrói a ausência: o pai não desaparece, tampouco está presente – sua figura ocupa um lugar intermediário que desafia as

Recebido em 02-09-2026 • Aceito em 14-10-2026

categorias habituais da perda. A ausência deixa de significar simples desaparecimento para tornar-se uma forma particular de presença. O pai continua organizando a vida da família de forma inacessível. Sua ausência torna-se uma presença constante, produzindo efeitos duradouros sobre todos aqueles que se encontram na margem.

Por conseguinte, a terceira margem revela sua maior força simbólica. Ela representa a experiência humana de conviver com aquilo que não pode ser de todo recuperado nem perdido.

A linguagem rosiana realiza, assim, um movimento singular: transforma a ausência em elemento estruturador da narrativa. Em vez de preencher o vazio com explicações, preserva-o como condição de produção de sentido.

Dessa forma, o rio, a canoa, o silêncio do pai, a voz do narrador e a própria ausência deixam de ser elementos isolados do conto para integrar uma mesma arquitetura simbólica. Essa abertura permite compreender por que o conto continua produzindo interpretações tão diversas. Sua força reside em construir um espaço em que o sentido subsiste em perpétuo movimento. A terceira margem não é o lugar da resposta.

4. LITERATURA E PSICANÁLISE EM DIÁLOGO: LUTO, DESEJO E SUBJETIVAÇÃO EM A TERCEIRA MARGEM DO RIO

A aproximação entre literatura e psicanálise exige um rigor metodológico essencial: longe de servir como mera ilustração para conceitos teóricos, a obra literária preserva sua autonomia criativa, assim como a psicanálise não se reduz a um mero instrumental técnico de interpretação estética. Ambas constituem campos autônomos de produção de conhecimento sobre a experiência humana e, por isso, podem estabelecer um diálogo fecundo. No conto, João Guimarães Rosa constrói uma narrativa cuja abertura simbólica permite que questões relativas ao luto, ao desejo, à formação do sujeito e à experiência da ausência sejam pensadas à luz da psicanálise sem que o texto literário perca sua autonomia.

4.1 Luto e melancolia: a permanência da ausência

Entre os textos freudianos que mais iluminam a leitura do conto destaca-se Luto e Melancolia, no qual Freud (2013) distingue dois modos de responder à experiência da perda. O luto é um processo psíquico de elaboração no qual o sujeito reconhece a perda do objeto amado e, aos poucos, consegue retirar dele o investimento libidinal, possibilitando novos

Recebido em 02-09-2026 • Aceito em 14-10-2026

vínculos e a continuidade da vida. A melancolia, ao contrário, caracteriza-se pela dificuldade dessa elaboração. O objeto perdido torna-se alvo de uma identificação narcísica, de modo que a libido retirada dele regressa ao Eu.

Freud (2013, p. 56, grifos nossos), em Luto e Melancolia, sintetiza esse movimento ao afirmar: "A sombra do objeto cai sobre o Eu." Essa breve formulação tornou-se uma das passagens mais conhecidas da teoria psicanalítica porque expressa o modo como a perda do objeto repercute sobre o Eu, que passa a identificar-se com o objeto perdido. A partir dessa identificação narcísica, o empobrecimento decorrente da perda deixa de incidir apenas sobre a relação com o objeto e passa a atingir o Eu.

No conto de Guimarães Rosa, essa reflexão encontra extraordinária ressonância. A permanência do pai no rio produz uma forma singular de ausência: trata-se de alguém que continua existindo, mas que já não participa do mundo compartilhado pela família. Essa condição impede que a perda seja por completo elaborada, sobretudo para o narrador.

Entretanto, a riqueza da narrativa reside em não permitir que essa condição seja reduzida a um diagnóstico. Perguntar se o pai seria melancólico ou se o filho ocuparia essa posição significa apenas um dos níveis possíveis de interpretação. A força estética do conto consiste em conservar aberta essa questão.

Se, por um lado, o pai parece abandonar pouco a pouco todo investimento no mundo exterior, por outro, é o filho quem fica vinculado à ausência paterna durante toda a vida. Enquanto os demais membros da família reorganizam suas existências, ele continua levando alimento ao pai, acompanhando sua vida silenciosa e tentando preservar um vínculo que jamais encontra resolução. O conto desloca, assim, o interesse do leitor da perda em si para as diferentes formas de conviver com ela.

Nesse viés, Guimarães Rosa aproxima-se daquilo que Freud descreve como o trabalho do luto, e revela seus limites. A narrativa sugere que existem perdas cuja elaboração jamais se completa, porque determinadas ausências continuam produzindo efeitos sobre a identidade muito tempo depois de sua ocorrência.

4.2 O desejo e a construção do sujeito

Freud oferece instrumentos para pensar a experiência da perda, Jacques Lacan amplia essa discussão ao compreender o sujeito como constituído pela falta, que lhe é inerente. Para Lacan, o desejo não corresponde à satisfação de uma necessidade; ele nasce daquilo que falta ao sujeito.

Em uma de suas formulações conhecidas e comentadas no decorrer de

Recebido em 02-09-2026 • Aceito em 14-10-2026

seu ensino, Lacan menciona que "O desejo do homem é o desejo do Outro." (Lacan, 2008). Essa proposição indica que a identidade nunca é produzida de maneira isolada. O sujeito estrutura-se na relação com o outro, por meio das identificações, da linguagem e do reconhecimento simbólico.

Essa perspectiva ilumina de maneira singular a posição ocupada pelo narrador do conto. Desde o início da narrativa, o filho organiza sua existência em torno da figura paterna. Sua busca consiste em recuperar o pai desaparecido e compreender aquilo que a retirada do pai produziu em sua própria identidade.

O pai deixa de exercer apenas uma função familiar para tornar-se uma referência simbólica cuja ausência reorganiza a experiência subjetiva do filho. A insistência em alimentar o pai, observá-lo à distância e preservar sua existência revela uma tentativa permanente de manter vivo aquilo que lhe permite continuar perguntando quem é.

Nesse contexto, adquire especial importância a cena final do conto. Depois de anos de silêncio, o pai responde ao filho e o convida a ocupar seu lugar na canoa. O paradoxo é que quando o encontro se torna possível, o filho foge.

Essa passagem pode ser compreendida à luz da reflexão lacaniana sobre o desejo. Durante toda a narrativa, o filho deseja reencontrar o pai. Contudo, quando o desejo exige uma resposta concreta, ele recua. Recusa ocupar o lugar que imaginava desejar.

O gesto evidencia a distância entre desejar e sustentar as consequências do desejo. O encontro imaginado durante toda a vida revela-se insuportável no momento em que deixa de pertencer ao campo da fantasia para tornar-se possibilidade real.

Essa leitura permite compreender a culpa expressa pelo narrador ao perguntar: "de que era que eu tinha tanta, tanta culpa?". A culpa decorre da descoberta de que o sujeito nem sempre deseja aquilo que imagina desejar. O desejo é dividido, ambíguo e atravessado pela falta que institui a própria subjetividade.

4.3 O espaço potencial e a experiência do entre

Embora Freud e Lacan ofereçam os principais fundamentos psicanalíticos desta investigação, algumas reflexões de Donald Winnicott permitem ampliar a compreensão da dimensão simbólica da terceira margem.

Ao desenvolver o conceito de espaço potencial, Winnicott (1975) descreve uma área intermediária da experiência, situada entre a realidade interna do sujeito e o mundo externo compartilhado. Nesse espaço

Recebido em 02-09-2026 • Aceito em 14-10-2026

desenvolvem-se o brincar, a criatividade e a experiência cultural. Nas palavras do psicanalista: "O lugar em que a experiência cultural se localiza está no espaço potencial existente entre o indivíduo e o meio ambiente. O mesmo se pode dizer do brincar. A experiência criativa começa com o viver criativo, manifestado primeiro na brincadeira" (Winnicott, 1975; Ribeiro *et al*., 2019).

A terceira margem aproxima-se dessa concepção. Ela não pertence ao mundo empírico, visto que a realidade geográfica conhece apenas duas margens. Também não agrega simples fantasia individual. Sua existência depende da experiência simbólica criada pela linguagem literária.

Desse modo, o conto constrói um espaço potencial no qual diferentes dimensões da existência podem coexistir sem serem reduzidas umas às outras. O pai encontra-se presente e ausente; o rio representa movimento e permanência; o silêncio comunica mais do que as palavras; a perda transforma-se em forma de presença.

Essa lógica aproxima a literatura e a psicanálise. Ambas reconhecem que a experiência humana não se esgota na realidade objetiva nem pode ser traduzida por conceitos. Existe sempre um espaço intermediário onde o sentido persiste.

4.4 Literatura e psicanálise: um diálogo de abertura

A leitura desenvolvida neste artigo permite concluir que a contribuição da psicanálise para A Terceira Margem do Rio não oferece respostas definitivas para o enigma do conto. Sua principal contribuição está em ampliar a compreensão das tensões que a narrativa preserva.

Freud ajuda a compreender a permanência da ausência e os impasses da elaboração da perda; Lacan ilumina a estruturação do sujeito pela falta, pelo desejo e pela alteridade; Winnicott evidencia o caráter criador do espaço intermediário em que a experiência simbólica se realiza.

Entretanto, a narrativa de Guimarães Rosa ultrapassa qualquer sistema interpretativo fechado. O conto se sustenta aberto porque sua linguagem recusa a estabilização do sentido. A psicanálise, assim, participa do enigma da terceira margem.

A proximidade entre literatura e psicanálise se faz presente: ambas reconhecem que a experiência humana conserva sempre um núcleo irredutível de mistério. A linguagem literária transforma-o em possibilidade permanente de interpretação. O encantamento produzido pela escrita rosiana nasce dessa abertura.

Recebido em 02-09-2026 • Aceito em 14-10-2026

5. O ENCANTAMENTO DA TERCEIRA MARGEM

Ao longo deste artigo, buscou-se demonstrar que A Terceira Margem do Rio resiste a toda tentativa de encerramento interpretativo. As diferentes leituras produzidas pela crítica literária, pela filosofia e pela psicanálise revelam a extraordinária capacidade da narrativa de sustentar múltiplos horizontes de sentido. Essa pluralidade é produzida pela própria arquitetura da linguagem rosiana.

Dessa forma, o conceito de encantamento adquire centralidade. Ele representa uma operação literária por meio da qual a linguagem suspende a estabilidade dos significados e impede a fixação de uma verdade definitiva. Encantar, em Guimarães Rosa, significa deslocar o leitor do terreno das certezas para introduzi-lo em uma experiência contínua de interpretação.

Segundo Coutinho (1983), essa característica da obra rosiana distancia-se de "representar a realidade empírica, mas questiona o sentido dessa realidade, criando uma forma híbrida baseada num conceito múltiplo de realidade que compreende as perspectivas idealista e realista" (Coutinho, 1983, *apud* Nascimento, Soares, 2023 p. 13). Sem ser uma leitura definitiva, a narrativa rosiana organiza-se como um campo de possibilidades em constante atualização, no qual cada interpretação revela novos aspectos da obra sem jamais esgotar sua riqueza simbólica. Tal perspectiva converge para a hipótese defendida neste artigo, segundo a qual o encantamento nasce da capacidade da linguagem de manter fecunda a produção dos sentidos.

A terceira margem irrompe dessa operação da linguagem. Ela não corresponde a um espaço geográfico, pois a ordem material restringe-se a esse limite duplo. Também não pode ser reduzida a uma categoria psicológica ou uma metáfora filosófica considerada. Sua existência depende da própria linguagem literária, que cria um lugar impossível no plano da realidade objetiva, mas possível no plano simbólico.

Por essa razão, ela se sustenta aberta a leituras tão diversas. Pode ser compreendida como metáfora da ausência, do inconsciente, do desejo, do luto, da melancolia, da transcendência, da solidão, da experiência mística ou da própria condição humana. Nenhuma dessas interpretações é suficiente, nenhuma delas é descartável. Cada leitura ilumina um aspecto da narrativa sem esgotar sua potência significativa.

A força da escrita de Guimarães Rosa consiste em conservar essas possibilidades em estado de permanente tensão. Ausência e presença coexistem. O pai subsiste e se ausenta ao mesmo tempo. O filho procura e recusa o encontro. O rio representa movimento incessante, enquanto a canoa parece

Recebido em 02-09-2026 • Aceito em 14-10-2026

continuar imóvel. O silêncio comunica tanto quanto a palavra. O tempo avança e a espera nunca se encerra. A narrativa organiza-se por meio de paradoxos que recusam soluções definitivas.

Nesse processo, o encantamento manifesta toda a sua força. Cada retorno ao conto produz uma nova leitura porque a linguagem rosiana impede que o texto se cristalize em uma interpretação única. O leitor é percorrido pela narrativa. As imagens do rio, da canoa, do pai silencioso e do filho que espera deixam de ser elementos ficcionais para converter-se em questões dirigidas ao próprio leitor. Quem habita, afinal, a terceira margem? O pai? O filho? Ou todo aquele que, diante das experiências fundamentais da existência, percebe que para determinadas perguntas não há resposta?

A impossibilidade de responder por definitivo reside no maior legado estético de Guimarães Rosa. Sua literatura preserva a profundidade do enigma da existência. O encantamento nasce quando a linguagem reconhece que o mistério configura uma dimensão constitutiva da experiência humana.

Percebe-se, portanto, que o encantamento da escrita rosiana consiste em impedir o fechamento dessas tensões. A linguagem preserva o enigma. A terceira margem segue existindo porque continua sendo produzida a cada leitura, renovando o diálogo entre obra e leitor. Nessa constante abertura dos sentidos reside a vitalidade da literatura de João Guimarães Rosa e a razão pela qual seu conto mantém-se, ainda hoje, inesgotável para a crítica literária e para a reflexão psicanalítica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso desenvolvido ao longo deste artigo permitiu compreender que A Terceira Margem do Rio é uma das narrativas mais instigantes da literatura brasileira por preservar a abertura das perguntas que constituem a experiência humana. A escrita de João Guimarães Rosa conduz o leitor a vivenciar o enigma representado pelo pai, pela canoa ou pela terceira margem; transformando-o na própria condição da leitura.

Ao analisar a narrativa a partir da poética do encantamento, procurou-se demonstrar que a força estética do conto reside na capacidade de sua linguagem de produzir um espaço simbólico em que diferentes interpretações coexistem sem se anularem.

Tal característica explica por que o conto mobiliza diferentes tradições críticas. Cada nova leitura evidencia aspectos distintos da narrativa sem, contudo, esgotar sua riqueza simbólica. A literatura de Guimarães Rosa confirma, assim, sua extraordinária capacidade de renovar a experiência

Recebido em 02-09-2026 • Aceito em 14-10-2026

interpretativa, fazendo da linguagem um espaço no qual o mistério se faz constitutivo da condição humana.

O diálogo com a psicanálise mostrou-se fecundo. Este artigo procurou estabelecer uma interlocução hermenêutica entre duas formas de investigação da experiência humana. A psicanálise comparece como um campo de pensamento que compartilha com a literatura o interesse pelas dimensões inconscientes da existência, pela gênese do sujeito, pelo desejo e pela experiência da falta.

As reflexões de Sigmund Freud acerca do luto e da melancolia permitiram compreender que a ausência construída por Guimarães Rosa ultrapassa a noção de perda objetiva. A permanência do pai no rio produz uma ausência que reorganiza a vida psíquica do narrador, tornando visível a complexidade dos processos de elaboração da perda. Entretanto, o conto evita reduzir essa experiência à melancolia ou ao luto de forma literal, preservando uma ambiguidade que sustenta parte essencial de sua potência literária.

A contribuição de Jacques Lacan mostrou-se de igual significativa ao iluminar a relação entre desejo, falta e inserção do sujeito. O percurso do narrador evidencia que sua busca pelo pai é, em conjunto, uma busca por si mesmo. A retirada da figura paterna rompe um eixo fundamental de identificação, fazendo com que o filho permaneça tentando reencontrar o pai perdido, e também o lugar simbólico a partir do qual sua própria identidade se organiza. A recusa final em ocupar a canoa revela, dessa forma, a complexidade do desejo humano, sempre atravessado pela impossibilidade de coincidir consigo mesmo.

A aproximação com Donald Winnicott, por sua vez, permitiu compreender a terceira margem como um lugar intermediário de elaboração simbólica. Tal como o espaço potencial descrito pelo psicanalista, a narrativa rosiana cria uma zona em que realidade objetiva e experiência subjetiva deixam de se opor de forma severa. Nesse espaço, a linguagem literária torna possível experimentar o inexplicável e o simbolizado. A terceira margem converte-se, assim, em um lugar de criação, onde o sujeito pode confrontar suas perdas, seus desejos e suas possibilidades de significação.

O diálogo entre literatura e psicanálise evidencia, assim, que ambas compartilham uma mesma atitude diante da existência: a recusa de respostas simplificadoras para aquilo que integra o humano. Se a psicanálise reconhece que o sujeito é atravessado pela falta e pelo inconsciente, a literatura de Guimarães Rosa demonstra que a linguagem é capaz de dar forma estética a essa experiência sem eliminá-la. Em ambos os casos, o sentido se apresenta como uma construção renovada no encontro entre palavra, sujeito e interpretação.

Recebido em 02-09-2026 • Aceito em 14-10-2026

Diante disso, o conceito de encantamento adquire sua dimensão mais ampla. Encantar significa manter o leitor na realidade, e convida-o a habitar um espaço em que o mistério e a interpretação nunca se conclui por definitivo, além de permitir que sustente o diálogo com esse enigma, reconhecendo-o como parte constitutiva da própria condição humana.

Como sugere Hans-Georg Gadamer (2015), uma grande obra revela-se sempre aberta a novas compreensões porque sua verdade não se esgota em uma interpretação definitiva. Essa abertura faz de A Terceira Margem do Rio uma narrativa inesgotável.

Pode-se concluir, por fim, que João Guimarães Rosa escreve para responder às grandes questões da existência e preservá-las. Sua literatura transforma a pergunta em experiência estética e faz da linguagem um lugar privilegiado de reflexão sobre a subjetividade. Por isso, o conto convoca leitores das mais diversas áreas do conhecimento. É uma obra aberta porque sua escrita resiste ao esgotamento do sentido. Nesse movimento, literatura e psicanálise deixam de ocupar posições paralelas para constituírem um fecundo espaço de interlocução, no qual o sujeito é compreendido como um processo permanente de construção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, A. **Tese e antítese**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

COUTINHO, E. F. **Guimarães Rosa:** Coleção Fortuna Critica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

NASCIMENTO, F. M. do; SOARES, L. F. **Guimarães Rosa atravessando os caminhos da sala de aula**. *[S.l.: S.n.]*. Disponível em: https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/37449/1/Guimar%c3%a3esRosaAtravessando.pdf. Acesso em setembro de 2026.

FREUD, Sigmund. **Luto e Melancolia**. Tradução: Marilene Carone. 1ª edição eletrônica ed. *[S.l.]*: Cosac Naify, 2013. Disponível em: https://clinicasdotestemunhosc.weebly.com/uploads/6/0/0/8/60089183/luto_e_melancolia_-_sigmund_freud.pdf. Acesso em setembro/2026.

GADAMER, H.-G. **Verdade e método I:** traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 15ª ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2015.

GALVÃO, W. N. **As formas do falso**. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1986.

HEIDEGGER, M. 1889-1976. **Ser e tempo** / Martin Heidegger ; tradução, organização e notas Fausto Castilho. – Campinas, SP : Editora da Unicamp ; Petrópolis, RJ : Vozes, 2012.

LACAN, J. **O seminário, livro 11:** os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. 2ª ed.

Recebido em 02-09-2026 • Aceito em 14-10-2026

Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

NUNES, B. **A rosa o que é de Rosa:** literatura e filosofia em Guimarães Rosa. Victor Sales Pinheiro, org. Rio de Janeiro: Difel, 2013.

RIBEIRO, M. S. C. *et al.* **Estudo de caso de um paciente com esclerose lateral amiotrófica (ELA):** considerações a partir de sessões de tutoria. Disponível em: <https://www.fundamentalpsychopathology.org.br/wp-content/uploads/2019/09/estudo_de_caso_de_um_paciente_com_esclerose_lateral_amiotrofica.pdf>. Acesso em setembro de 2026.

RICOEUR, P. **A metáfora viva**. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2000.

ROSA, J. G. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Imago, Rio de Janeiro – RJ.1975.

Recebido em 02-09-2026 • Aceito em 14-10-2026